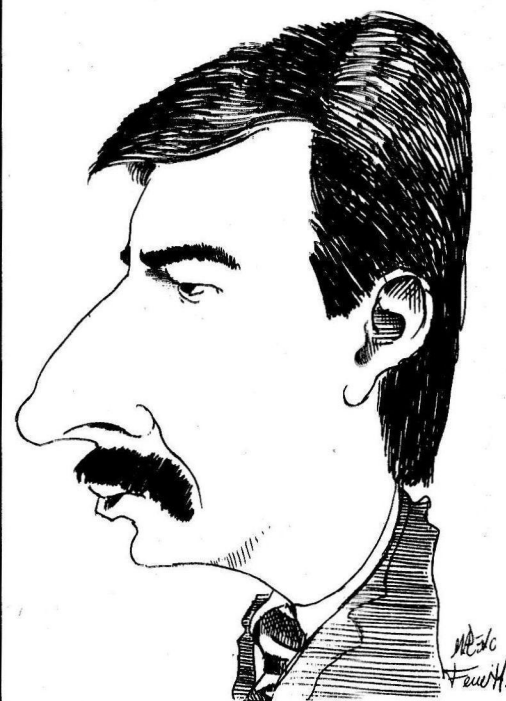
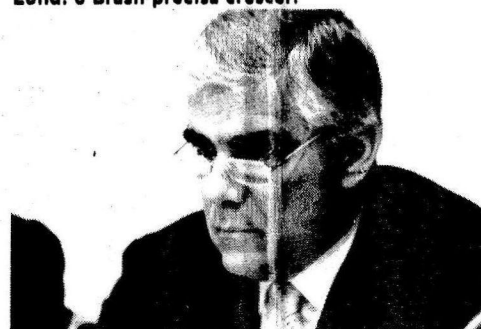




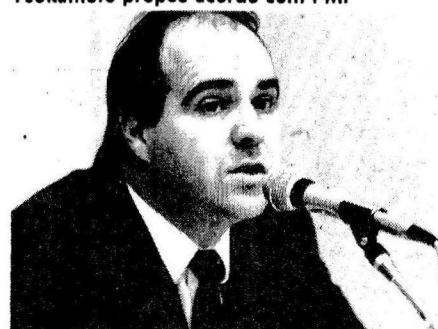
Lund: o Brasil precisa crescer.



Tsukamoto propõe acordo com FMI



Wygand fez duras críticas



Pereira não crê em desnacionalização

Idéias para atrair o capital externo

Uma vigorosa defesa do capital estrangeiro foi feita ontem em São Paulo pelo presidente da Câmara de Comércio Brasil-Estados Unidos, Christopher Lund, no seminário "A empresa, a economia de mercado e o capital estrangeiro", organizado pela Ajoesp — Associação dos Jornalistas de Economia de São Paulo. "As empresas estrangeiras são discriminadas. E capital estrangeiro não é senão um meio para desenvolver o País", afirmou.

O professor Yuichi Tsukamoto, da FEA-USP e FGV; o presidente da Bovespa, Eduardo da Rocha Azevedo; o vice-presidente da Business International do Brasil, James Wygand; o secretário-executivo da Funcex (Fundação Comércio Exterior), Roberto Sarmento; e o vice-presidente da Ordem dos Economistas, Manoel Francisco Pereira, participaram do painel da tarde. As exposições mais críticas foram de Azevedo e Wygand. "O Brasil — assinalou o presidente da Bolsa — vive falsos dilemas, como o do risco de desnacionalização. Ela ocorre com o enfraquecimento do País, a partir, por exemplo, de cortes nos investimentos em petróleo, que permitiriam elevar de 100 mil barris/dia a produção de petróleo."

Wygand entende que o Brasil está perdendo poder de barganha, na medida em que os bancos estrangeiros reforçam suas reservas. Se os acionistas admitem que o banco vai perder dinheiro com o Brasil e isto não pode ser evitado, os executivos "podem ser mais duros", disse o vice-presidente da Business International.

O professor Tsukamoto enfatizou a dificuldade que o Brasil terá de obter recursos japoneses (país do qual é originário) sem fazer um acerto com o Fundo Monetário e reiterou um princípio essencial para o go-



Rocha Azevedo: "Falsos dilemas".

verno de Tóquio: a inflação elevada afasta os investimentos, devido à elevação do grau de risco. Sarmento fez a defesa da atividade de exportação e Pereira defendeu uma postura de mercado para as conversões de dívida: "Imaginar que US\$ 25 bilhões vão desnacionalizar a economia é burrice", declarou.

Investimentos

A exposição de Lund procurou demonstrar que o investimento estrangeiro convém ao País. Participando com 23,4% dos investimentos, o capital estrangeiro produz 26% do PIB, 19% dos empregos, 35% dos impostos, paga salários mais elevados e gera comércio exterior. O Brasil precisa crescer e para isso precisa investir, afirmou o presidente da Câmara de Comércio Brasil-EUA. E se o Brasil é o oitavo país do mundo ocidental em produção, é o 68º em renda *per capita*. Mesmo na América Latina, situa-se em nono lugar, atrás do Uruguai, do Panamá, de Barbados.

A relação entre investimento e produto foi estimada por Lund em menos de 3 para 1, de tal sorte que a taxa de formação de poupança de 25% corresponde a cerca de sete pontos percentuais de aumento no PIB. Os 25%, lembrou, correspondiam a cerca de 20% de poupança doméstica e 5% de poupança externa. "Mas investindo 20%, o crescimento econômico — estimou Lund — decresceria 4,8% ao ano, de tal maneira que o Brasil levaria mais 31 anos para dobrar seu produto, contra os 19 anos necessários com a taxa anual de 7%."

Defendendo a atração do investimento estrangeiro, Lund enfatizou que em 1986, dos US\$ 221 bilhões de investimentos externos realizados no mundo, 45% destinaram-se aos Estados Unidos, 24% a outros países desenvolvidos e 31% a todos os países em desenvolvimento. Estará muito bom, notou, se o Brasil conseguir atrair, proporcionalmente, metade do que está conseguindo a Malásia (3,5% do PIB), que corresponderiam, para nós, a pouco mais de US\$ 3 bilhões. Mas as empresas de capital estrangeiro estão sendo discriminadas, criticou. Em especial, pela limitação aos preços de venda de seus produtos. "Temos que atrair esse capital para que nosso padrão de vida melhore."

Todos os participantes criticaram a presença exagerada do Estado na economia brasileira e sua ineficiência. "O Estado brasileiro — disse Wygand — segue a moda dos reis antigos: roda o dinheiro no porão, porque papel tem custo baixo. Não sei que economia vão herdar meus filhos brasileiros", desabafou. Mas criticou, também, o setor privado que, em sua opinião, "não está preparado para a concorrência".